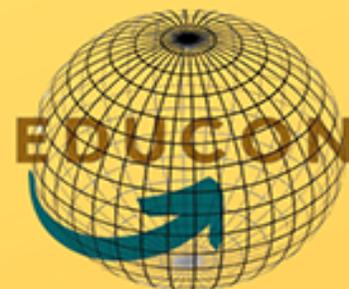




# Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



**Volume XIV, n. 10, set. 2020**  
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

## **EIXO 10 -ENSINO SUPERIOR**

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.10.16>

Recebido em: **15/08/2020**

Aprovado em: **16/08/2020**

A RELAÇÃO PROFESSOR ESTUDANTE NA UNIVERSIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA CIENTÍFICA; THE STUDENT TEACHER RELATIONSHIP AT THE UNIVERSITY AND ITS IMPLICATIONS IN THE DEVELOPMENT OF SCIENTIFIC READING; LA RELACIÓN PROFESOR ESTUDIANTIL EN LA UNIVERSIDAD Y SUS IMPLICACIONES EN EL DESARROLLO DE LA LECTURA CIENTÍFICA.

LECIA CARNEIRO DE OLIVEIRA

<https://orcid.org/0000-0003-1921-8694>

FABRÍCIO OLIVEIRA DA SILVA

<HTTP://ORCID.ORG/0000-0002-7962-7222>

**Resumo:** Compreendendo a relevância da leitura enquanto prática fundamental na vida dos seres pensantes, evidencia-se deste modo, que o ato de ler é imperioso também no Ensino Superior. O presente trabalho originou-se a partir de uma pesquisa qualitativa desenvolvida no âmbito de grupo de pesquisa, a qual se encontra em fase de conclusão. O objetivo principal é analisar o modo como os professores e estudantes se relacionam, interagem e constroem, juntos, as aprendizagens e ensinagens acadêmicas referentes a leitura no âmbito universitário. Com ancoragem na perspectiva dos estudos (auto)biográficos, elegemos as entrevistas narrativas enquanto dispositivo de recolha de informações. Os colaboradores são professores e estudantes que integram dois cursos de Licenciatura de uma universidade pública baiana. Como referencial teórico para a realização do trabalho, ancoramos a perspectiva analítica a partir das contribuições Brait et al. (2010), Lima e Câmara (2009), Rios (2006), Ribeiro (2002), Santos e Soares (2011), Zabala (1998), dentre outros. Como resultado, evidenciou-se que o modo como os sujeitos se relacionam academicamente influencia diretamente nos processos de ensino e de aprendizagem da leitura na universidade. Ademais, os resultados evidenciam que a falta de interação entre estudantes e professores na universidade impacta negativamente nos processos de ensino e de aprendizagem da leitura.

**Abstract:** Understanding the relevance of reading as a fundamental practice in the life of thinking beings, it is evident in this way, that the act of reading is also imperative in Higher Education. The present work originated from a qualitative research developed within the scope of a research group, which is in the process of being concluded. The main objective is to analyze the way teachers and students relate, interact and build, together, the academic learning and teaching related to reading in the university environment. Anchored in the perspective of (auto) biographical studies, we chose narrative interviews as a device for collecting information. The collaborators are professors and students who take two undergraduate courses at a public university in Bahia. As a theoretical framework for carrying out the work, we anchor the analytical perspective from the contributions Brait et al. (2010), Lima and Câmara (2009), Rios (2006), Ribeiro (2002), Santos and Soares (2011), Zabala (1998), among others. As a result, it became evident that the way the subjects relate academically directly influences the teaching and learning processes of reading at the university. Furthermore, the results show that the lack of interaction between students and professors at the university has a negative impact on the teaching and learning processes of reading.

**Resumen:** Entendiendo la relevancia de la lectura como práctica fundamental en la vida de los seres pensantes, se evidencia de esta manera, que el acto de leer también es imperativo en la Educación Superior. El presente trabajo se originó a partir de una investigación cualitativa desarrollada en el ámbito de un grupo de investigación, que se encuentra en proceso de conclusión. El objetivo principal es analizar la forma en que docentes y estudiantes se relacionan, interactúan y construyen, en conjunto, el aprendizaje académico y la enseñanza relacionados con la lectura en el ámbito universitario. Anclados en la perspectiva de los estudios (auto) biográficos, elegimos entrevistas narrativas como un dispositivo para recopilar información. Los empleados son profesores y estudiantes que participan en dos cursos de pregrado en una universidad pública de Bahía. Como marco teórico para la realización del trabajo, anclamos la perspectiva analítica a partir de los aportes de Brait et al. (2010), Lima y Câmara (2009), Ríos (2006), Ribeiro (2002), Santos y Soares (2011), Zabala (1998), entre otros. Como resultado, se hizo evidente que la forma en que las asignaturas se relacionan académicamente influye directamente en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la lectura en la universidad. Además, los resultados muestran que la falta de interacción entre estudiantes y profesores en la universidad tiene un impacto negativo en los procesos de enseñanza y aprendizaje de la lectura.

## **Introdução**

Partindo da premissa de que a leitura é imprescindível na vida do ser humano, expressa-se a relevância que a mesma tem, visto que se faz presente desde a infância, transversalizando toda trajetória educacional dos sujeitos. É notável que a prática leitora é considerada um viés enriquecedor da formação, sendo reconhecida pela possibilidade de oferecer ao leitor experimentar uma série de aprendizagens significativas durante o seu trajeto formativo.

Quando ingressam no Ensino Superior, os estudantes universitários se deparam com novas provocações textuais, geralmente relacionadas às novas linguagens e as novas estruturas que compõem os textos científicos. Assim, é comum que estudantes em início de suas formações demonstrem encontrar dificuldades no que diz respeito às leituras específicas no campo universitário, dada a complexidade estrutural e organizacional dos textos que são lidos nessa etapa da formação acadêmica. Tais dificuldades apresentam-se, notoriamente, pela falta de hábito com esse tipo de leitura, sobretudo pela complexidade e dimensão dos textos acadêmicos, os quais exigem uma nova postura leitora, que, muito provavelmente, os estudantes não estavam habituados.

Diante de tal problemática, a pesquisa teve como objetivo analisar o modo como os professores e estudantes se relacionam, interagem e constroem, juntos, as aprendizagens e ensinagens acadêmicas referentes a leitura no âmbito universitário. A partir disso, visibilizou-se, no presente estudo, revelar e elencar a partir das narrativas dos colaboradores, quais são as práticas desenvolvidas pelos mesmos para superar desafios que permeiam o ensino e aprendizagem da leitura na universidade. Isto posto, pretendeu-se, portanto, compreender o modo como os professores e estudantes têm se relacionado diante das necessidades de ensinar/aprender a ler na universidade. Neste aspecto, foi de suma relevância ouvir as vozes de professores e estudantes, em um contexto singular do cotidiano acadêmico, de uma universidade pública estadual baiana.

Considerando que esta problemática permite discussões relevantes, é através da pesquisa intitulada "Implicações Didáticas para o Ensino e Aprendizagem da Leitura na Universidade", a qual está relacionada a uma pesquisa matricial, mais ampla, intitulada "Relação professor e estudante na universidade", desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária-NEPPU", que este trabalho interpretativo compreensivo busca compreender as práticas docentes e discentes no processo com a leitura científica.

Desta forma, e com objetivos de fazer um recorte que seja possível ser tecida nas discussões do presente artigo, o texto se divide em três grandes seções. A primeira, refere-se a essa introdução, na qual enunciamos a problemática, o objetivo e o recorte discursivo que em que se assenta o presente estudo. A segunda seção, congrega os aspectos metodológicos sobre os quais o trabalho foi desenvolvido. A terceira é dedicada aos movimentos de análises produzidos, bem como as discussões dos resultados. Por fim, mas não menos importante, tecemos as considerações finais do texto.

## **Percurso Metodológico**

A fim de entender como ocorre a relação professor e estudante na universidade, sobretudo no que tange aos aspectos referentes ao modo do ensino e aprendizagem da leitura acadêmica, foi pertinente fazer uso da pesquisa qualitativa, cuja base epistemológica é defendida por Minayo (2008), que destaca, nesse tipo de pesquisa, os processos de subjetivação e de produção de sentidos que se evidenciam de modos singulares. Assim, através desse tipo de pesquisa, o estudo dos sentidos sobre a experiência humana deve ser feito entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem compreensões sobre o que são e o que fazem. No caso deste trabalho, a abordagem qualitativa favoreceu a compreensão mediante as representações de professores e de estudantes e as práticas de leitura que adotam na universidade.

Como dispositivo de pesquisa, foi utilizado o gênero entrevista narrativa. Este, é definido por Jovchelovitch e Bauer (2002) como sendo uma entrevista que permite ouvir e refletir os relatos dos sujeitos. Esse dispositivo caracteriza-se por uma narração livre a partir de uma questão norteadora que é feita ao colaborador. Tal questão serve como forma de encorajar os entrevistados, os quais possam narrar livremente sobre o que julgam importante acerca do tema em específico. Desse modo:

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

O gênero narrativo escolhido atende a um *corpus* mínimo de colaboradores, com a finalidade de obter uma melhor interpretação das informações coletadas. Assim, o dispositivo fez ecoar as vozes dos sujeitos, sendo eles, dois professores e dois estudantes, dos cursos de Letras Vernáculas e Licenciatura em História. A pesquisa foi realizada entre os meses de março e abril de 2020, sendo que três entrevistas narrativas ocorreram de forma presencial e outra de forma remota, através de uma plataforma digital, dado o contexto de decretos governamentais que impulsionou o isolamento físico como medida de prevenção do contágio da COVID-19.

A fim de valorizar o movimento analítico impresso pelos próprios colaboradores do estudo, ancoramos as análises no paradigma compreensivo interpretativo, inspirado nas contribuições de Ricouer (1996). Tal movimento analítico possibilitou que a compreensão dos sentidos atribuídos pelos próprios sujeitos fosse sendo constituída conforme as tessituras reflexivas que cada colaborador produziu para evidenciar como tem ocorrido os processos de ensino e de aprendizagem da leitura na universidade. O movimento analítico, portanto, tornou clara a relação existente entre o objeto de estudo e as práticas de reflexão de modo a favorecer uma perspectiva colaborativa e compreensiva do ensino e da aprendizagem da leitura, considerando as peculiaridades e singularidades vividas por cada colaborador no espaço universitário.

Nesta direção, tendo como ponto de partida as peculiaridades de cada história, bem como das experiências didáticas que se cristalizam pela estrutura de linguagem presente no texto, foi possível notar que, ao narrar o sujeito diz muito de si e já o faz numa perspectiva de explicar as suas ações de ensinagem e de aprendizagem, sobretudo no que diz respeito às experiências com a leitura. Salientando que os fatos narrados são sempre significativos, que trazem consigo a experiência formativa de cada sujeito, deste modo, com ética e responsabilidade para com a pesquisa desenvolvida, da mesma forma com os sujeitos que participaram do presente estudo, adotamos a referência a cada colaborador, por nomes fictícios, escolhidos por eles próprios.

## **Relação Professor e Estudante na Universidade**

A relação professor e estudante nos contextos educacionais sempre foi alvo de grande tensionamento. Por longos anos a educação foi fundamentada de modo engessado, cuja função baseava-se na preparação dos estudantes para a obediência e submissão aos professores. Em determinados contextos educativos, no que tange às relações interpessoais no âmbito da sala de aula, o cerne das preocupações de alguns professores norteou-se com base na disciplina e modelagem, evidenciando preocupações com o modo como os estudantes deveriam ser e se comportar em sala de aula.

Conforme a evolução do cenário educacional, muitas das práticas entre estes sujeitos foram tendo

que ser transformadas pouco a pouco. Na transição da escola básica para o ingresso no Ensino Superior, verifica-se que o próprio estudante se encontra no processo de adequação e pertencimento ao novo ambiente, às novas relações pessoais, principalmente no que diz respeito, a figura do professor.

Nesta perspectiva, a relação baseada na visão transitória, requer investimento de ambos os sujeitos, considerados no presente trabalho, como sujeitos ativos, indispensáveis e responsáveis na construção de uma relação positiva, esta, por longas datas baseada numa natureza conflituosa da relação professor estudante, passa a mudar o seu foco, mediante a necessidade de aprimorar e desenvolver um ensino-aprendizagem de melhor qualidade. Embora esta transição caminhe em passos lentos para uma relação mais dialógica e cooperativa entre os envolvidos.

Com base neste aspecto, o presente trabalho objetiva compreender como se configura a percepção de estudantes e professores universitários sobre a relação com a leitura acadêmica, a fim de identificar a possível influência desta relação no desenvolvimento das práticas de ensino e aprendizagem de leitura na universidade. Desse modo, aqui se tenciona a necessidade de pensar a respeito das questões individuais que envolvem a particularidade dos seres envolvidos neste processo. Embora, esta transição ainda não tenha ocorrido da forma como se espera, estudiosos como Brait et al (2010) salientam a respeito da relação professor aluno e como esta interliga ao ensino aprendizagem, a qual depende fundamentalmente:

Do ambiente estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor, educador da era industrial com raras exceções, deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia no mundo real, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. (BRAIT, et al. 2010, p. 6).

É coerente afirmar que, a partir do ambiente estabelecido pelo professor, a relação seja o princípio para uma construção de atitudes educativas que se distanciem do autoritarismo e da modelagem do comportamento do aluno. Uma relação amistosa e de confiança torna-se o segredo para gerar condições, nos estudantes, de bom desenvolvimento de práticas leitoras acadêmicas. Para que ocorra essa compatibilidade entre docentes e discentes, é preciso criar pontes entre o conhecimento de ambos, que venham a dialogar na edificação de uma relação empática, que embase na individualidade dos mesmos e no próprio contato com os textos acadêmicos. Assim, sendo os professores capazes de construir espaços de escuta e diálogo para com os estudantes, estabelecer, nessa perspectiva uma relação, não hierarquizada e engessada, possibilitando aprendizagens de forma horizontal, os processos de aprendizagem da leitura se evidenciam com maior eficácia.

### **Implicações no Desenvolvimento da Leitura Científica**

No que tange as representações dos participantes da pesquisa, por um lado, os estudantes reiteram que a grande maioria dos professores não os ensinam a ler na universidade, não orientam como gostariam que fosse feito, e manifestam desejo de que o ensino de leitura fosse diferente do que tem ocorrido. Há uma ideia que predomina no imaginário de alguns professores de que os estudantes por ingressarem no Ensino Superior, deveriam chegar prontos e acabados para encarar as situações adversas.

É válido mencionar que aqueles que chegam à universidade, muitas vezes chegam vulneráveis para encarar as dificuldades que surgem no ambiente acadêmico, até mesmo pela necessidade de lidar

com um processo de adaptação ao novo, que de antemão causa estranhamento, já que eles estão saindo de um nível de ensino para outro completando diferente, o qual o contato com a leitura demanda de novos hábitos leitores. É nesta transição do velho para o novo, que não se pode dispensar a relação afetiva com o professor. A esse respeito Ribeiro (2010) nos diz que:

Esses estudos mostram que a afetividade pode estimular ou inibir o processo de aprendizagem dos alunos: do ponto de vista negativo, a ausência desse fator aparece como a principal fonte de dificuldades da aprendizagem dos sujeitos; ao contrário, do ponto de vista positivo, a sua presença favorece a relação do aluno com as disciplinas do currículo e com o professor, e assegura, conseqüentemente, melhores desempenhos nos estudos. (RIBEIRO, 2010. p. 406).

Em contrapartida, na visão dos docentes, estes acreditam fazer muito e do jeito certo, afirmando que a leitura acadêmica por ser mais complexa, demanda novos hábitos leitores dos estudantes, os quais, segundo estes, já deveriam dispor desse conhecimento. Quando mencionam a respeito dos estudantes construírem novos modos de comportamento, ancoram-se na culpabilização da formação anterior, reportando-se às deficiências formativas geradas na Educação Básica, tirando de sua responsabilidade o ensino e aprendizagem que envolvem os processos de se ler na universidade.

Além disso, na concepção dos docentes, ficou claro que defendem que os estudantes não realizam a leitura como eles têm idealizado. Do mesmo modo, sinalizam haver um baixo índice de proficiência e desempenho dos estudantes ao realizar uma leitura, sendo esta, pouco dialógica e reflexiva. Os mesmos colaboradores, até afirmam que utilizam estratégias ao ler um texto, mas, não se observa a partir das narrativas, o ensinamento dessas estratégias de leitura nas relações entre professor-estudante na universidade.

Deste modo, faz-se necessário levar em consideração os modos de ensinar e de aprender leitura ancorada nos movimentos que o professor e o estudante fazem, para respectivamente, terem condições de desenvolverem os processos de ensinagem e aprendizagem acadêmica. Neste contexto, Pozo (2002), considera que na relação professor estudante há uma necessidade de que “alunos e professores se conscientizem das dificuldades que enfrentam e dos caminhos que existem para superá-las.” (POZO, 2002, p. 55). Tais dificuldades atravessam as narrativas dos colaboradores da presente pesquisa, que afirmam haver certo distanciamento entre professor estudante.

Em contrapartida, os estudantes tendem muito a reclamar da relação com os professores em sala de aula, reclamam da disciplina, da metodologia de ensino do professor, por outro lado, não apresentam nenhum momento dialógico de compor alternativas, não mostram uma boa convivência que possa garantir um ambiente mais favorável ao aprendizado. Desta forma, manter uma relação positiva requer o engajamento de ambas as partes, se por um lado, os estudantes enquanto narram, falam bastante da prática docente como único fator que justifica as dificuldades encontradas no processo com a leitura, é válido mencionar que o seu comportamento enquanto discente também é de grande relevância neste aspecto. Zabala (1998) reconhece que:

Para aprender é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em que predominem a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade. A aprendizagem é potencializada quando convergem as condições que estimulam o trabalho e o esforço. É preciso criar um ambiente seguro e ordenado, que ofereça a todos os alunos a oportunidade de participar, num clima com multiplicidades de interações que promovam a cooperação e a coesão de grupo. (ZABALA, 1998, p. 100).

Considera-se a partir das narrativas, a ausência da dialogicidade, percebe-se que os estudantes enquanto narram, as suas falas estão carregadas de sentimentos, demonstrando que sentem falta da interação na Educação Superior, pois aqui, os docentes tem prezado muito o científico. Assim, o estudante relata: *“Alguns professores tiveram, fizeram isso, mas muito poucos, tipo de chegar e me orientar nesse sentido, não de pegar o texto e fazer por mim ou ler, mas me orientar por onde é que eu podia seguir o melhor caminho.”* (Ruan, entrevista narrativa, 2020). É notável a partir desta representação, que parece haver uma ausência de orientação neste processo com a leitura acadêmica, bem como uma falta de motivação para encarar a leitura, pois o estudante vê sozinho diante do processo. Essa ausência implica diretamente na superação das dificuldades leitoras, neste enfrentamento dos próprios anseios, e principalmente, na relação professor-estudante na universidade.

Neste aspecto, Ruan evidencia a necessidade de que exista um processo sistematizado do ensino de leitura. Há evidências de que o estudante está disposto a ler, mas precisa seguir procedimentos, caminhos e abordagens pelos quais desconhece. Em outro trecho de sua narrativa, o estudante evidencia a importância, na relação pedagógica, de se estimular a abertura para a escuta coletiva, demarcada pela cooperação de ambos, alunos e professores. A esse respeito, o estudante considera que:

Como eu tava dizendo, o processo de aprendizagem teria sido mais fácil, mais construtivo, menos doloroso, mas ainda assim doloroso, porque aprender dói. No sentido mais amplo faltou logo no início uma relação mais comunicativa, inclusive até hoje eu sinto falta de ter essa comunicação seja no sentido do aprendizado ou sobre a própria metodologia deles, a gente discutir forma de aula e quando eu olho pro início daqui de agora do 6º semestre pro meu eu do primeiro semestre, eu queria que alguém falasse véi... Fica tranquilo que isso é normal, vai acontecer, você não tá acostumado com isso, você ainda é imaturo e irresponsável, mas vai dá tudo certo eu acho que faltou essa pessoa, faltou o professor. (Ruan, entrevista narrativa, 2020).

As narrativas expressam ora os sentimentos de compreensão, pelo fato de entender e conceber a aprendizagem como um processo, que vai sendo construído a partir de experiências adquiridas durante a formação; ora de inquietação, que de segundo modo, parte da concepção dos estudantes para com as práticas docentes, considerando que faltou a comunicação e interação como base para essa aprendizagem. O estudante até menciona as evoluções que ele percebe numa etapa mais avançada da sua formação, entretanto, o marco da sua fala, é a falta que faz o docente neste aprendizado, o qual teria sido menos doloroso. Vale expressar, que a figura do discente é indispensável neste processo, com o compromisso e investimento pessoal da sua própria aprendizagem, de forma a moldar sua própria prática leitora, dispondo de autonomia discente para a evolução do seu desempenho acadêmico.

Nesta mesma linha de discussão, acredita-se que, assim como salienta Zabalza (2004), quando defende que o modo como os docentes se relacionam com os estudantes influencia diretamente, por exemplo, no desenvolvimento e evolução da leitura. É válido mencionar que no caso do docente, não se trata de fazer tudo pelo aluno, não implica no ato de ler por ele, mas sim, um caminho a ser trilhado por ambos, buscando uma relação positiva, o que não quer dizer que se deve ter o foco na realização apenas do plano de curso, centrando-se exatamente no conteúdo em si. Entretanto, sobre oferecer possibilidades do aluno construir conhecimento próprio, de participar ativamente na relação direta com o professor. É necessário pensar no modo como professores têm investido na aprendizagem do estudante, bem como na adoção de metodologias que venham a ensinar de fato o estudante a ler e criar suas próprias estratégias de leitura.

Se por um lado aparece o estudante preocupado em dar conta das leituras e inseguro para superar os desafios, por outro lado, encontra-se bastante difundida entre os docentes, a necessidade de focar na prática conteudista, cujo enfoque se dá na matriz curricular de cada curso específico. À vista destas respectivas afirmações, o desenvolvimento e aprendizagem da leitura, que deveria ser a razão central da relação professor e estudante na universidade, aparecem bastante comprometidos.

A despeito dessa relação, evidencia-se que o professor e o estudante acabam se esquecendo da importância essencial do empenho de ambos os atores no processo de ensinar e aprender leitura na universidade, nesta relação os sujeitos precisam estar cientes para a necessidade de mudanças da qualidade formativa, para além do modelo conteudista, se faz necessário à transformação para uma relação dialógica e afetiva em proveito do desenvolvimento integral dos sujeitos, assim como sugere Santos e Soares (2011):

Tal transição precisa ser liderada pelos professores, por meio de um processo de mediação de aprendizagens significativas, tanto do ponto de vista cognitivo quanto atitudinal, portanto, implica a mudança de suas representações sobre a função social da escola, de suas concepções sobre o papel do professor, do aluno, de ensino e de aprendizagem. (SOARES, SANTOS, 2011, p. 356).

Conforme a argumentação, este é o ideal que se espera dos docentes diante da relação com os estudantes, “Sendo assim, não é suficiente dominar os conteúdos nem ser um reconhecedor na área. A profissionalização docente refere-se aos alunos e ao modo como podemos agir para que aprendam, de fato, o que pretendemos ensinar-lhes.” (ZABALZA, 2004. P. 113). Superando a aplicação dos conteúdos, é fundamental o modo como os sujeitos se relacionam, além da excessiva obrigatoriedade em atender plano de curso e objetivos específicos das disciplinas, visto que, muitas são as reclamações no que tange a relação de superficialidade relatada pelos estudantes.

Os dados nos revelam, que na visão dos docentes a concepção de leitura está em outra direção, muitas vezes, ancoradas na valorização e reconhecimento da complexidade dos textos. A esse respeito, o professor Taiguara nos diz que:

Você precisa fazer as grandes leituras clássicas, um curso de Ciências Humanas, um curso de Pedagogia que não lê Paulo Freire para falar de um clássico é quase que um crime, é um crime de lesa-majestade, um curso de Ciências Humanas que não passa por figuras como Marx, Milton Santos, Frantz Fanon, não é um curso de Ciências Humanas. (Taiguara, entrevista narrativa, 2020).

Nota-se claramente que a concepção de leitura está relacionada ao saber específico. A docente discorre narrando sobre aspectos da complexidade e de conhecimento de autorias, que em um curso, sem sombra de dúvidas, não se pode abrir mão de grandes autores. O foco está no tipo de coisa que se lê, cita teóricos específicos e não comenta sobre a dificuldade que os estudantes apresentam quando lidam com essa leitura ao longo da graduação. A narrativa mostra uma preocupação centrada na temática teórico metodológica, do tipo de leitura que se faz em determinada área. O sujeito leitor, neste aspecto, é menos importante, pois a perspectiva da ação de ler na universidade pelos docentes está implicada no que se deve ler e o que deve ser abstraído da leitura.

Do mesmo modo, outras narrativas apontam para compreensões sobre o ensino de leitura nas especificidades dos componentes curriculares que ministram. Há, no entanto, preocupações com as perspectivas de leituras que os estudantes adotam para consolidar conhecimentos nas áreas. A

professora Ana, em trechos de suas narrativas considera que:

Focando no objetivo principal da disciplina, é a compreensão e análise do texto literário e os textos teóricos entram para complementar a compreensão os textos da crítica e da teoria e eu percebo que essas estratégias têm melhorado sim e tem tido aulas mais prazerosas e animadas, ao final das disciplinas eles comentam né que se interessaram mais, que acha que funcionou melhor, acho que é por ai. [...] Bom, eu percebo avanços a partir das estratégias que citei avanços na compreensão, um maior interesse dos textos literários e teóricos, é tenho dado centralidade ao texto literário nas aulas e menor proporção aos teóricos. (Ana, entrevista narrativa, 2020).

Nestes recortes, é possível identificar que a professora considera que tais práticas são a única forma que tem trazido o aluno para mais perto, cujos tipos de textos têm favorecido no rendimento e na participação dos estudantes nas aulas, os quais passam a ter uma maior compreensão dos textos. Acreditam que tal prática desenvolvida tem dado certo, revelando haver avanços significativos no que tange a relação com a leitura e com a metodologia adotada. Ainda assim, entende-se que os objetivos de leitura para ela firma-se no saber específico, isto é, buscando atender o objetivo principal da disciplina, que é o enfoque na teoria, cujas narrativas nos mostram haver uma preocupação em alcançar especificamente os objetivos da área de Letras.

É sabido que, as práticas docentes influenciam diretamente no desenvolvimento leitor dos estudantes e das competências capazes de engendrar aprendizagens significativas. É narrado pelos próprios estudantes que, ao chegar ao final do curso se sentem mais aliviados, mais preparados para lidar com a leitura, sendo que o conhecimento foi construído com alguns professores, que os auxiliaram na modelagem de suas práticas, hábitos e rotinas, embora o processo tenha sido bastante árduo.

Não há, contudo, indícios de outras alternativas eficazes para tornar o aprendizado mais eficiente. Assim sendo, os professores acreditam que o que fazem e o modo que tem lidado com a leitura são suficientes para promover o ensino. São modos pedagógicos que, segundo as colaboradoras, vêm funcionando, visto que, os estudantes se mostram mais interessados e animados ao final das disciplinas.

Em contrapartida, os docentes também demonstram uma preocupação com a relação entre pares, demonstrando interesse pelos fatores emocionais dos estudantes, a partir dos quais passam a conhecer um pouco mais sobre as suas singularidades. Na perspectiva de identificar e mostrar certa preocupação com o índice de ansiedade dos estudantes, o professor Taiguara narra um dos diálogos que teve com os estudantes, revelando clara preocupação com o quadro de ansiedade que perturba os processos de aprendizagem na universidade. A esse respeito, o professor em diálogo com a turma assim reflete:

Porque tem me angustiado profundamente só pra encerrar essa primeira fala, o nível de ansiedade que vocês estão chegando ao campus e pra mim essa é uma questão historiográfica, que o historiador precisa se perguntar por que é que vocês estão tão desesperados no nível de ansiedade sempre batendo em picos? Então eu não tenho a menor dúvida em dizer que é 50% dos estudantes tem algum tipo de, transtorno de ansiedade, pode ser pesado, mas que tem algum problema de ansiedade, pelo menos do curso que eu dou aula, já que eu dou aula pro primeiro semestre também. (Taiguara, entrevista narrativa, 2020).

Neste recorte, é notável a preocupação do professor com a condição emocional dos estudantes. Essa preocupação, toma assento na reflexão do docente, mas não indica que haja, em função disso, um

trabalho diferenciado a fim de tranquilizar os estudantes e dar-lhe condições de aprendizado de estratégias de leitura. Mas, de certo modo, a narrativa aponta para indícios de afetividade para com os estudantes, evidenciando o reconhecimento dos desafios que os estudantes enfrentam, em se considerando as personalidades, individualidades e pessoalidades dos mesmos. É notável a presença de uma solicitude, por um lado, para motivar os estudantes a avançarem em suas aprendizagens, por outro, para lidar com as perspectivas emocionais.

Logo, mesmo que o docente não se sinta preparado para lidar com os problemas que surgem na vida dos discentes, o estudante-leitor, quando se depara com as adversidades acadêmicas, vê a figura do professor, como único sujeito que pode vir a lhe auxiliar neste processo. Sendo assim, Ribeiro (2010) afirma, a docência passa a ser concebida para além da ciência, se solidarizando com a vida individual dos sujeitos, no ato de escutar e respeitar as subjetividades. Similarmente, o estudante afirma:

Eu criei algumas relações próximas com alguns professores, com um específico, que agora é meu orientador e que geralmente foi a pessoa que eu conversava das angústias, porque é um processo muito angustiante, você não entender aquilo que você escolheu para fazer, para você se formar e trabalhar no futuro. Esse professor me tranquilizava... [...] e essa conversa era tranquilizante. (Ruan, entrevista narrativa, 2020).

Ruan, em sua narrativa atribui novo significado a relação com o professor, baseada na confiança para conversar sobre as angústias e inquietações que atravessam a vida acadêmica. A proximidade com o professor gera um princípio fundante que demarca a relação de confiança para gerar aprendizagens. A relação aqui baseia-se na interação e comunicação entre os sujeitos, que é percebida pelo atravessamento afetivo e de proximidade que se logra na prática docente, mas com iniciativa do estudante. O estudante nos relata o quanto a aproximação foi essencial para seu processo de aprendizagem, embora a narrativa ocorra com apenas um docente específico do curso. Em outro trecho de sua narrativa, o estudante considera que:

Mas, essa conversa não é comum de acontecer pelo menos no curso de história, se a gente procura o professor pra ter essa conversa geralmente o professor se coloca à disposição para passar algum texto que facilite a leitura, ou até pra fazer uma discussão individual com a gente, puxar ali no canto conversar uns 15 minutos 20 minutos, mas, assim os textos que eles colocam lá no plano, são textos que eles escolhem. (Ruan, entrevista narrativa, 2020).

Do mesmo modo que alguns professores orientam, auxiliam, modificam e ressignificam algumas das suas práticas, colocando-se à disposição dos estudantes a fim de favorecer a compreensão dos textos, de modo a conversar sobre as dúvidas e questionamentos que os estudantes sinalizam, nem todos agem da mesma forma, não é uma situação que acontece com todos os docentes, embora, por parte dos estudantes, seja esta atitude a mais desejada.

É no processo de se fazer presente na vida do aluno, a auxilia-lo no enfrentamento do desafio de lidar com a vida universitária, com os anseios pessoais, os medos e as incertezas de não ser bom o suficiente naquilo que escolheu para fazer, o fato do estudante narrar que é angustiante não entender aquilo que optou para fazer, nota-se um tom de frustração na fala, que é confortado e tranquilizado ao dialogar com o professor e receber apoio, motivação e incentivo. Isto é, quando é orientado, quando busca e recebe esta ajuda, o próprio estudante afirma se sentir mais tranquilo para lidar com a sua formação.

No que se refere à orientação da leitura, há evidências que os estudantes cobram que falta muito isso no início de curso, para que desta forma, o modo de encarar as dificuldades acadêmicas, os novos modos de ler, ser e estar na universidade fossem melhores aproveitados, isto é, teria neste caso, uma postura mais eficaz frente às leituras que o curso exige. No tom de elogio ao trabalho docente, ele expressa uma admiração pelo trabalho do professor, enquanto sujeito ativo e mediador na construção da aprendizagem leitora, evidenciando-se assim, que a relação ultrapassa a hierarquia existente, dando lugar aos sujeitos que constroem par a par uma relação de afetividade.

Por outro lado, a relação de proximidade e de afetividade, o que demarcam princípios de uma ação educativa colaborativa, se visibiliza, também, na prática docente. Os elementos que emergiram das narrativas sugerem que há um indicativo do desejo dos professores de construir um trabalho cooperativo com o estudante, objetivando assim uma construção de uma aprendizagem compartilhada. É, portanto, o que se evidencia na narrativa do professor Taiguara:

Eu acho que precisamos também combater isso em nós mesmos. É uma questão que eu considero, pra mim não tem aprendizado sem o trabalho coletivo, com o estudante, sem o estudante e isso supõe, isso exige, cobra a crítica dura, quando ela precisa ser feita que às vezes é dolorosa para quem ouve, mas que ela precisa ser feita sempre. Mas com acolhimento e cuidado com eles, dando a atenção necessária e se aproximando do aluno. (Taiguara, entrevista narrativa, 2020).

Apesar da preocupação com a crítica, a correção e a dureza que se evidencia na ação de educar, a afetividade, o cuidado com o estudante está presente. De algum modo, isso sugere que a relação amistosa e de proximidade gera confiança e condições de aprendizagem no estudante. É comum que os discentes vejam o professor, na universidade, como detentores de saber, mas há de se considerar o reconhecimento de que são os professores, também, mediadores. A esse respeito, Santos e Soares (2011) consideram que:

O professor é entendido como um agente de mediação da relação dos estudantes com o conhecimento e não essencialmente detentor de um saber descontextualizado e dogmático transmitido de forma fragmentada, apesar da afirmação de que essa ainda é uma prática recorrente em sala de aula na universidade. (SANTOS; SOARES; 2011. P. 366).

Em direção semelhante, Lima; Câmara (2009) consideram que os aspectos emocionais se distanciam do fazer docente. Parece ter sido pulverizado o rigor científico nas práticas docentes, pois muitos professores embriagados pelo racionalismo científico acabam se esquecendo ou deixando em segundo plano os sentimentos, emoções, desejos e sonhos que fazem parte dos indivíduos. Como consequência deste esquecimento, professores e alunos acabam mantendo um distanciamento das relações pedagógicas, “nas quais professores e alunos estão dispostos numa hierarquia que submete os últimos aos primeiros.” (LIMA; CÂMARA, 2009, p. 2). Do mesmo modo:

Essa hierarquização pode, de maneira mais profícua, ser percebida nas relações que professores e alunos estabelecem em sala de aula. Os primeiros, com um capital cultural mais vasto, ocupam o topo da hierarquia, enquanto que, os segundos, se posicionam no nível inferior porque detentores de um capital cultural mais limitado. Assim, a relação pedagógica oriunda dessa estrutura acaba por se caracterizar, na grande maioria dos casos, como uma relação de poder e dominação, na qual alguns professores, consciente ou inconscientemente, se percebem como os detentores do saber, atribuindo ao

aluno o mero papel de ouvinte. (LIMA; CÂMARA, 2009, p. 3).

Diante disso, faz-se necessário bem como salienta os respectivos autores, tanto docentes e discentes desmitificarem a visão de hierarquia, considerando que embora ocupem cargos de níveis diferentes, não necessariamente possuem conhecimentos uns mais que os outros, e sim, perpetuar a visão de que são atores capazes de desenvolverem a capacidade de aprender e ensinar, cuja relação seja de dizer e também responder, tendo a consciência de que novas experiências e troca de saberes entre educador e educando que se permitam superar o diferencial posto hierarquicamente que diferencia os saberes, do professor e do estudante.

Neste aspecto, é perceptível a necessidade de ambos se colocarem a disposição do trabalho mútuo e coletivo para além da sala de aula. O professor para além do cumprimento de ações pedagógicas, deve se permitir a abertura de um espaço mais produtivo, de qualidade nas relações pessoais, a fim de buscar um diálogo tecido no interior do processo de ensino-aprendizagem e na consolidação de uma relação positiva entre professores e estudantes. Sobre esse afeto, garante Rios (2006), “despojada do sentido romântico de que é revestida, às vezes, a afetividade traz cor e calor à prática educativa”. (RIOS, 2006, p.131).

### **Considerações Finais**

A partir da análise realizada com base nas subjetividades narradas, foi possível perceber que, as relações entre professores e estudantes na universidade por um lado ocorrem de forma superficial, isto é, existe uma preocupação na academia de que se necessita contemplar as especificidades de cada disciplina, em que as práticas docentes focam nas atividades avaliativas, por outro, há indícios de uma preocupação na construção da relação horizontal, par a par entre docente/discente, que implica diretamente no desenvolvimento leitor dos estudantes. O presente trabalho traz à baila as práticas que os sujeitos realizam e a despeito dessa relação, evidencia-se por um lado que, o professor tira da sua responsabilidade o ensino da leitura acadêmica, acreditando que os estudantes chegam preparados para tal prática, embora ainda assim, também busquem conhecer as subjetividades dos estudantes e construir um ensino de qualidade.

Nas narrativas dos estudantes, é evidenciado que estes se sentem inseguros diante das demandas textuais, demonstram muita preocupação em satisfazer suas próprias expectativas. Ratificam sentir falta da interação com a figura do professor. Por outro lado, ao experienciar relações positivas com os mesmos, latejam para a construção afetiva do ensino e aprendizagem de forma mais comunicativa, mesmo que não seja uma postura tão comum de ser encontrada na universidade. Assim, nota-se que, mesmo que os sentidos se ocultem nas narrativas, ali se fazem presente mesmo que de forma inconsciente. A busca por uma relação positiva é expressa no quão é importante a construção desse diálogo na vida acadêmica, no qual as relações horizontais entre os sujeitos favorecem diretamente no bom desempenho e na superação das dificuldades das leituras científicas, as quais passam a serem melhor aproveitadas e realizadas, quando há orientação, direção e apoio docente.

É compreensível deste modo, que o ideal que se espera dos docentes como bons formadores, diante da relação com os estudantes, seja para além do domínio dos conteúdos. Esperam-se ações educativas de ensino, sobretudo de leitura, que possam de fato, investir na aprendizagem dos estudantes, os quais, por sua vez, devem demonstrar interesse e respeito pelos seus conhecimentos, no modo como vai desenvolvendo seus modos singulares de aprender a ler cientificamente. E que o estudante como autônomo no processo, seja o condutor da sua própria aprendizagem, visto que, ensinar e aprender são práticas fundamentais que devem estar imbricadas.

A leitura acadêmica, por vez, é melhor compreendida quando docentes e discentes se permitem relacionarem pedagógica e afetivamente. Dado o exposto, o trabalho permitiu dialogar, analisar e relatar questões pertinentes que se fazem presentes na vida dos estudantes e professores

universitários, fomentando a consciência de que novas experiências e troca de saberes entre educador e educando favorecem a prática educativa em busca de uma educação libertadora, transformadora e de relação entre pares.

## REFERÊNCIAS

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. W. **Entrevista narrativa**. In BAUER, Martin W. et al. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ. Vozes. 2002. 2ª ed.

LIMA, J. G. S. A. de; CÂMARA H. M. de S. **Apagando as fogueiras das vaidades intelectuais: Reflexões sobre a relação professor aluno no ensino superior**. Natal: In: Anais, XVIII Semana de Humanidades, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (Org). **Pesquisa social**. Teoria, método e criatividade. 21ª ed. Petrópolis: Vozes. 2008.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. Campinas: Estudos de Psicologia, 27(3), 403-412. 2010.

RODRIGUES BRAIT, L. F.; DE MACEDO, K. M. F.; DA SILVA, F. B.; SILVA, M. R.; REZENDE DE SOUZA, A. L. A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM. **Itinerarius Reflectionis**, v. 6, n. 1, 2 set. 2010.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, C. P. dos; SOARES, Sandra Regina. **Aprendizagem e relação professor-aluno na universidade: duas faces da mesma moeda**. Est. Aval. Educ. São Paulo. v. 22. n. 49. p. 353-370. 2011.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALZA, M. Á. **O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

1\_ Em consonância com o Comitê de Ética que aprovou a referida pesquisa, foi utilizado nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. Os respectivos nomes fictícios foram escolhidos pelos próprios entrevistados, sendo eles: Jhenifer (Estudante do curso de Letras Vernáculas); Ruan (Estudante do curso de Licenciatura em História); Ana (Docente do curso de Letras Vernáculas) e Taiguara (Docente do curso de Licenciatura em História).

\* Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Bolsista de Iniciação Científica do CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Pedagogia Universitária (NEPPU).

\*\* Doutor em Educação pela Universidade do Estado da Bahia. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/UEFS. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária – NEPPU.